

## **Tecedeiras e guerreiros: O estatuto da mulher no Sueste Asiático e a perícia artesanal no fabrico de têxteis Uma tradição em desaparecimento<sup>1</sup>**

**Maria Johanna Schouten**

Departamento de Sociologia, Universidade da Beira Interior

### **Introdução**

Através dos processos de fiação, tecelagem e tinturaria é possível transformar matéria-prima numa substância útil, bonita e valiosa: os panos artesanais que, em particular no Sueste Asiático, são de uma beleza impressionante. Enfeitam o corpo ou a casa e podem assim dar ou sublinhar *status*, possuindo também valor de troca, como os europeus notaram nas suas primeiras viagens na Insulíndia. Os panos desempenhavam a função de moeda, dependendo o seu valor da sua dimensão, mas também do valor estético e das técnicas específicas utilizadas na sua fabricação, quanto mais sofisticadas melhor.

Há sociedades em que a tecelagem é uma ocupação tipicamente feminina, noutras é masculina. Em grande parte de África, como entre vários grupos de Índios (nomeadamente os Índios Pueblo), são os ho-

---

<sup>1</sup> Uma versão prévia deste estudo foi publicada sob o título “A fabricação artesanal de panos por mulheres na Ásia do Sudeste”, nas *Actas das III Jornadas de Arqueologia Industrial. A Indústria Têxtil Europeia. Os fios do passado a tecer o futuro. Uma Abordagem Pluridisciplinar* (12-14 Novembro de 1998), Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios, Covilhã, 1998, pp. 249-262.

mens que fiam, tecem e bordam<sup>2</sup>. No entanto, a uma escala mundial, a participação das mulheres na fabricação de panos é maior do que a dos homens. Na história ocidental, a tecelagem está associada às mulheres. Na mitologia grega, uma das grandes virtudes de Pallas Atena era a sua destreza ao tear, enquanto na Ilha de Ítaca viveu aquela que, provavelmente, foi a mais famosa tecedeira de sempre - Penélope<sup>3</sup>.

Também na Ásia do Sueste (nomeadamente na Malásia, Indonésia e Timor-Leste), as mulheres estão associadas à produção de panos - uma actividade aí muito valorizada e com conotações plenamente metafóricas. A intensidade com a qual essa actividade identifica as mulheres nota-se, por exemplo, no modo como a parteira na zona de Baucau, em Timor-Leste, chama a criança prestes a nascer: «Se é mulher, traga a roca, o cesto da cinza<sup>4</sup> (...), o tear»; enquanto o futuro do rapaz será enquadrado em actividades bélicas: «se é homem, saia já para fora, com azagaia, rodela e espada, alavanca e parão»<sup>5</sup>.

No entanto, a produção de têxtil é também considerada, no Sueste Asiático, uma actividade perigosa, precisamente devido à sua importância - um erro no processo de fiação, tecelagem ou tinturaria é tido como uma ofensa contra o mundo sobrenatural e pode provocar catástrofes para a artesã ou para terceiros. Daí a grande responsabilidade das mulheres fabricantes de panos e o prestígio que um produto bem-sucedido lhes pode proporcionar.

No presente ensaio, a subtileza destes processos vai ser explorada, sendo as mulheres-artesãs as suas figuras centrais. Aborda-se a força intrínseca dos panos, a sua função e a sua forma de apresenta-

---

<sup>2</sup> Ver Jane SCHNEIDER e Annette B. Weiner, "Introduction", in A. Weiner e J. Schneider (orgs.), *Cloth and human experience*, Washington / Londres, Smithsonian Institute Press, 1989, p. 21; G. P. Murdock e Caterina Provost, «Factors in the division of labor by sex: A cross-cultural analysis», *Ethnology*, 12, 2, Vol. 12, Abr. 1973, p. 207 (*apud* Roger KEESING, *Cultural Anthropology*, Nova Iorque, Harcourt Brace Jovanovitch, 1988).

<sup>3</sup> Ver também o conhecido mito de Arachne, que ousava desafiar Pallas Athena num concurso de tecelagem. E as três deusas Moirai destinavam, por um processo de fiação, a vida de cada um.

<sup>4</sup> «misturada com saliva serve para as mulheres humedecerem a linha de algodão quando fiam».

<sup>5</sup> António de ALMEIDA, "Das mutilações étnicas dos indígenas de Timor", *O Oriente de Expressão Portuguesa*, pp. 319-378, Lisboa, Fundação Oriente, Centro de Estudos Orientais, 1994 [1946], p. 397, baseado em observações de Armando Pinto Correa.

ção. Enquanto a posição e o papel das mulheres têm sido um dos temas das minhas pesquisas no Sueste Asiático, para os processos de fabricação de panos e os seus significados tive que recorrer aos resultados de algumas excelentes investigações feitas *in loco*, por outros antropólogos.

### Funções e formas

Os panos têm um grande leque de funções: domésticas, rituais e como objecto de troca (como dádiva, mas também como bem comercial). No Sueste Asiático insular, as dádivas mais apropriadas para serem trocadas em cerimónias, por exemplo nos casamentos, são têxteis com padrões específicos. Outros panos têm um papel fundamental nos rituais de nascimento, por serem considerados capazes de irradiar uma força protectora ou curativa; e, nos funerais, são panos que acompanham o defunto no mundo do além<sup>6</sup>.

O grande interesse dos povos da Ásia do Sueste pelo têxtil foi logo reconhecido pelos portugueses, aquando da sua procura de especiarias e outros bens preciosos do arquipélago - que eles só podiam adquirir em troca de panos. Estes - provenientes das costas do Coromandel, Guzerate e Bengala - representavam para os habitantes do Sueste Asiático um complemento dos têxteis que eles próprios produziam, sendo valorizados pela sua raridade. Usados em ocasiões rituais, eram transmitidos de geração em geração, dentro da mesma família<sup>7</sup>.

Em particular, os panos de fabrico local, com padrões extraordinários, são muitas vezes considerados detentores de uma força especial. Por regra, esses panos evocam, mesmo para um observador ociden-

---

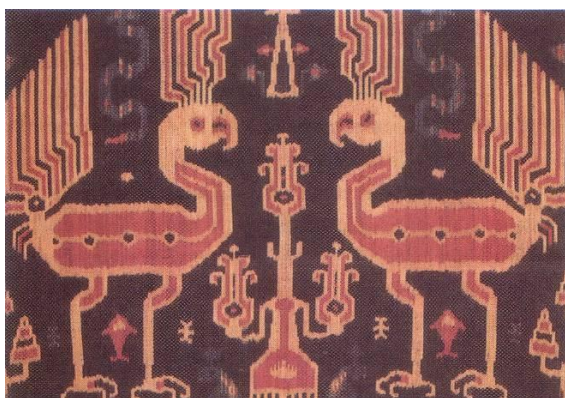
<sup>6</sup> Valerie MASHMAN, "Warriors and weavers: A study of gender relations among the Iban of Serawak", in Vinson H. Sutlive, Jr. (ed.), *Female and male in Borneo: Contributions and challenges to gender studies*, The Borneo Research Council Monograph series, Volume 1, Williamsburg, s.d. [1991], p. 245.

<sup>7</sup> John GUY, "Têxteis, sociedade e comércio no oceano Índico", *Oceanos*, 34, 1998, pp. 39-50; Nico De JONGE e Toos Van Dijk, *Vergeten Eilanden. Kunst en Cultuur van de Zuidoost-Molukken*, Amsterdam, Periplus Editions, 1995, pp. 136-137; Anthony REID, *Southeast Asia in the age of commerce, 1450-1680*. Vol. 1: *The lands below the winds*, New Haven e Londres, Yale University Press, 1988, p. 90; Jack GOODY, *The East in the West*, Cambridge University Press, Cambridge, 1996, p. 89.

tal, um carácter misterioso, com as suas figuras enigmáticas e uma constelação de cores singular.

Os motivos são vários, entre outros, antropomórficos e zoomórficos. Nestes, os mais destacados e privilegiados são os de aves e de crocodilos, animais cuja relação com o sobrenatural é reconhecida. As aves são em várias culturas da Ásia do Sueste consideradas como mensageiros dos deuses, transmitindo códigos pelo seu modo de voar ou de gorjear<sup>8</sup>.

Os crocodilos, que habitam em particular nas fozes dos rios, são animais ao mesmo tempo receados e venerados. São-lhes atribuídas características extraordinárias, entre as quais a invulnerabilidade - o que não é de admirar, atendendo à sua forma e pele singulares. Especialmente na ilha de Timor, o crocodilo é considerado um animal sagrado. Reza o mais divulgado mito de origem que a ilha é um crocodilo petrificado. O termo para o crocodilo em várias línguas de Timor é idêntico à palavra para avó ou avô<sup>9</sup>. Os reis do antigo reino de Kupang, na parte ocidental da ilha, eram mesmo considerados descendentes de crocodilos<sup>10</sup>.



**Tecido *Ikat*, Sumba, Indonésia  
(colecção Royal Tropical  
Institute, Amsterdão).**

---

<sup>8</sup> M. J. C. Schouten, *Leadership and social mobility in a Southeast Asian society. Minahasa, 1677-1983*, Leiden, KITLV Press, 1998, p. 17.

<sup>9</sup> Por exemplo, na língua Atoni *be'i* (avó, ver H. G. SCHULTE NORDHOLT, *The political system of the Atoni of Timor*, Haia, Nijhoff, 1971 39), e numa língua de Timor Leste *talo* (avô, ver António de ALMEIDA, "Aspectos da Etnozoologia Timorense", *O Oriente de Expressão Portuguesa*, pp. 483-510, Lisboa, Fundação Oriente, Centro de Estudos Orientais, 1994 [1971], 495).

<sup>10</sup> SCHULTE NORDHOLT, *The political system of the Atoni of Timor*, ob. cit., p. 42.





**Tecidos *Ikat*, ilhas de Marsela (página anterior) e Luang (em cima), Indonésia (na colecção de Rautenstrauch-Joest-Museum für Völkerkunde, Colónia; fotografia em DE JONGE e Van Dijk, *Vergeten Eilanden*, ob. cit.).**



## A técnica *Ikat*

Os panos em que estas e outras figuras estão representadas são normalmente feitos segundo as técnicas *ikat*, em inglês chamada *tie-dye technique*, o que quer dizer «juntar e tingir». A artesã, antes de iniciar a tecelagem, escolhe os fios da urdidura que quer deixar sem cor e junta-os ligando-os, por exemplo, com uma fatia de folha de palmeira.



Tecelagem *Ikat* (em cima), fuso de madeira (direita) e processo de ligar (*ikat*) os fios (em baixo), Selaru, Indonésia (fotografia na colecção Royal Tropical Institute, Amsterdão; in Rens HERINGA, “Kleding en sieraden”, cit.)

Depois, a urdidura é imersa num banho de tinta e estendida a enxugar<sup>11</sup>. Como resultado, os padrões *ikat* (literalmente, em malaio, «ligados» ou «juntos») ficam com a cor de base, bege-branco, enquanto o resto do pano recebe a cor do banho de tinta. Se se aplicar diversas vezes este processo à mesma urdidura, pode-se realizar padrões complexos. Começa-se sempre com a tinta



---

<sup>11</sup> De JONGE e Van Dijk, *Vergeten Eilanden* ob. cit., p. 128.

mais escura, por exemplo, azul índigo<sup>12</sup>. Na tecelagem, que se segue ao processo *ikat*, usa-se uma técnica que faz com que os fios da trama fiquem o mais despercebidos possível, enquanto a urdidura, com os padrões, é bem visível. Eventualmente, depois da tecelagem, acrescenta-se um padrão bordado.

Esta técnica existe há muitos séculos no Sueste Asiático, embora não haja certeza sobre qual a sua zona da origem. Foi na Índia que o cultivo de algodão teve início, mas só em meados do primeiro milénio foi divulgado na Ásia do Sueste<sup>13</sup>. O vestuário dos habitantes de muitas zonas não-costeiras, até uma época bastante recente, era feita de casca de árvores (para a qual se dispensava a tecelagem), ou entrançada. O procedimento complexo para produzir determinados mordentes, necessários para fixar bem as cores, também foi desenvolvido na Índia. Segundo certos autores, o *ikat* só se generalizou nas ilhas das Flores e Timor nos tempos da intensificação dos movimentos comerciais com o subcontinente indiano, pela acção dos portugueses<sup>14</sup>. Por outro lado, sabemos que o comércio de panos indianos já se tinha estendido ao arquipélago Sueste Asiático bem antes da chegada dos portugueses<sup>15</sup>.

## Os processos artesanais

Era comum todo o processo de fabricação dos panos, desde o cultivo ou a recollecção da matéria-prima até ao acabamento do produto final, ser executado pela mesma pessoa ou grupo familiar. Segue aqui uma descrição concisa desse processo.

O algodão - que prefere um clima seco - é muitas vezes cultivado disperso pelos campos de milho<sup>16</sup>. À colheita, purificação e amacia-

---

<sup>12</sup> SCHULTE NORDHOLT, *The political system of the Atoni of Timor*, ob. cit., p. 42.

<sup>13</sup> Roy W. Hamilton, "Behind the cloth. The history and culture of Flores", in Roy W. Hamilton (org.), *Gift of the Cotton Maiden. Textiles of Flores and the Solor Islands*, Los Angeles, UCLA Fowler Museum of Cultural History, 1994, pp. 21-38, p. 23.

<sup>14</sup> Idem, *ibid.*

<sup>15</sup> GUY, "Têxteis, sociedade e comércio no oceano Índico", art. cit., p. 49.

<sup>16</sup> SCHULTE NORDHOLT, *The political system of the Atoni of Timor*, ob. cit., p. 42; Christiaan HEERSINK, *The green gold of Selayar. A socio-economic history of an Indonesian coconut island c. 1600-1950: Perspectives from a periphery*, Ph.D. thesis, Vrije Universiteit te Amsterdam, Amsterdão, 1995, p. 39.

mento do algodão, segue-se a fase de fiação. No arquipélago ocidental é conhecida a roda de fiar, mas na parte oriental, incluindo Timor, utilizava-se o simples fuso de madeira, que tornava a fiação uma tarefa extremamente trabalhosa. As mulheres em Timor Ocidental levavam dois meses a fazer o fio preciso para um pano de tamanho normal, aproveitando todo o tempo disponível e mesmo aparentemente não disponível: Schulte Nordholt viu as mulheres de Timor Ocidental fiarem a caminho do mercado, segurando as mercadorias ou compras em cima da cabeça<sup>17</sup>.

Os teares são muito simples, do tipo *backstrap* (chamado assim por ser apertado com um cinto de couro, ou com um jugo de madeira, por trás das costas da tecedeira). Segundo Blust, o tear deve ser conhecido entre os povos de língua Austronésia desde há, pelo menos, 4000 anos<sup>18</sup>.

O reduzido tamanho dos teares produz panos estreitos, de cerca de 50 cm de largura; assim, para fazer um *sarong* (a peça de vestuário mais divulgada: um tipo de saia, usado pelos dois sexos), era necessário juntar e coser duas peças.

As plantas tintureiras, geralmente procuradas na floresta, dão as cores naturais, sendo as mais usadas o vermelho e o azul, que misturadas resultariam no preto. A produção artesanal das tintas é um processo laborioso e demorado. As fontes para a tinta vermelha são diversas, conforme a região. A matéria pode ser extraída de vários tipos de casca de árvore, ou da raiz, mas a fonte mais comum é a morinda (*Morinda citrifolia*). Por regra, depois de ser moída, tinha que ser fervida, sendo então adicionadas outras substâncias, tal como cal, ou eventualmente a casca dum outro tipo de árvore, e sumo de limão como mordente<sup>19</sup>. Às vezes, o produto ainda tinha que repousar durante semanas. O resultado era um vermelho de tonalidades que podiam variar de escarlata até cor-de-laranja ou castanho.

---

<sup>17</sup> SCHULTE NORDHOLT, *The political system of the Atoni of Timor*, ob. cit., p. 42.

<sup>18</sup> Robert BLUST, "Austronesian culture history: some linguistic inferences and their relations to the archaeological record", in Pieter van de Velde (org.), *Prehistoric Indonesia: A reader*, Dordrecht, Foris Publications, 1984, pp. 218-241, p. 233.

<sup>19</sup> *Asie du Sud-Est: Singapour, Malaisie, Brunei Darussalam*, dir. de Angus Cameron, Vivien Crump, Harry Tan; trad. de Isabelle Frémont e Jean-Louis Malroux, Paris, Gallimard, 1994, p. 284.



O azul mais característico é o índigo, duma beleza encantadora, uma cor conhecida e elogiada desde a Antiguidade<sup>20</sup>. Tem as suas origens nas folhas da planta índigo (*Indigofera tinctoria*). O pigmento liberta-se através dum processo complexo de encharcar e misturar, durante um ou mais dias. O produto líquido resultante é guardado em recipientes ou jarras.

Outras cores utilizadas (embora com menos frequência) são o amarelo (produzido do cúrcuma) e o verde, obtido das folhas de determinadas plantas.

### As mulheres-criadoras

Inerente ao carácter sagrado de que este trabalho se reveste na Ásia do Sueste está o facto de que não é qualquer mulher, de qualquer condição, que pode tecer ou tingir. Também certos lugares, grupos e períodos estão excluídos do processo.

O apoio sobrenatural é fundamental. Deuses ou antepassados transmitem as técnicas e os desenhos - especialmente os mais complexos - através de sonhos ou revelações às mulheres com «almas fortes»<sup>21</sup>.

Esta tarefa pode trazer prestígio às artesãs. O *status* duma mulher, entre as outras mulheres ou na sociedade como um todo, é baseado em vários critérios, entre os quais a maternidade e a produção de alimentos (na agricultura e na pecuária). Um outro princípio que, muitas vezes, determina o *status* é o de ter produzido panos, muitos, bonitos e originais, tal como ter dado à luz filhos - numerosos e saudá-

---

<sup>20</sup> Henry YULE e A. C. Burnell, *Hobson-Jobson. A glossary of colloquial Anglo-Indian words and phrases, and of kindred terms, etymological, historical, geographical and discursive*, Nova Delhi, Munshiram Manoharlal, 1994 [1903, John Murray] pp. 437-438.

<sup>21</sup> Esta última expressão é de Victor T. KING, *The peoples of Borneo*, Oxford, Blackwell, 1993, pp. 249-250 (sobre os Dayak de Bornéu); ver também Penelope GRAHAM, *Iban shamanism: An analysis of the ethnographic literature*, Camberra: Australian National University, 1987, p. 104.

veis<sup>22</sup>. Os Lio das Flores, segundo De Jong, até parecem valorizar mais o papel das mulheres como produtoras de panos do que como mães<sup>23</sup>.

Espera-se das mulheres que elas tecam muito e com frequência. O seu empenho nessa tarefa pode mesmo passar despercebido para os que não entrem nas suas casas, porque esse trabalho é feito na cozinha, ou na arrecadação atrás da casa - e a tecelagem é uma actividade bastante silenciosa. No entanto, existem engenhos que permitem «ouvir» as mulheres a tecer. No *warp beam* (o cilindro, feito de bambu, e portanto oco, que introduz a trama), encontram-se pedrinhas ou peças de vidro, fazendo com que cada movimento da tecedeira provoque um ruído. Uma outra explicação para a introdução destes pequenos objectos é estes impedirem a mulher - já cansada das suas numerosas tarefas - de adormecer ao tear, sendo a tecelagem, em diversas fases, uma lida monótona<sup>24</sup>.

Trabalhar muito e rápido, no entanto, não é só o que conta. Também é importante a qualidade do produto final: tem de ser impecável e, de preferência, mostrar um desenho original. Os padrões e a forma de os realizar, em regra, ficam em segredo dentro da família e são transmitidos de mãe para filha<sup>25</sup>. As mulheres costumam mostrar o tecido apenas depois da sua conclusão, certamente quando se trata de um novo padrão<sup>26</sup>.

A exigência de não cometer erros na tecelagem não só tem razões estéticas, mas também provém dum medo de perturbação da ordem cósmica. É para evitá-la que existem tantos tabus, orações especiais e outros rituais durante as fases mais difíceis do trabalho nas

---

<sup>22</sup> Ver Danielle GEIRNAERT-MARTIN, *The woven land of Laboya: socio-cosmic ideas and values in West Sumba, Eastern Indonesia*, Centre of Non-Western Studies, Leiden University, 1992, p. 67.

<sup>23</sup> Willemijn De JONG, "To give or to sell? Female distribution strategies in cloth producing households in Flores", comunicação apresentada na 3rd WIVS Conference on Indonesian Women's Studies, Leiden, 25-29 Set. 1995 (22 p. dactil.), p. 6.

<sup>24</sup> GEIRNAERT-MARTIN, *The woven land of Laboya*, ob. cit., p. 98.

<sup>25</sup> MASHMAN, "Warriors and weavers", ob. cit.; S. A., NIESSEN, "Textiles are female ... but what is femaleness? Toba Batak textiles in the Indonesian Field of Ethnological Study", in P. E. de Josselin de Jong (org), *Unity in Diversity; Indonesia as a Field of Anthropological Study*, Dordrecht, Foris, 1984, pp. 63-83.

<sup>26</sup> MASHMAN, "Warriors and weavers", ob. cit., p. 245.

«partes perigosas dos panos»<sup>27</sup>. Entre os Laboya, na ilha de Sumba, acredita-se que uma tecedeira que comete erros põe em risco a sua própria vida. Mas também a pessoa que usa roupa feita de pano defeituoso corre riscos, nomeadamente de saúde<sup>28</sup>.

A produção de tinta também é considerada como extremamente difícil e arriscada. Entre os Kodi da Sumba Ocidental, só algumas mulheres podem participar na produção de índigo, a cor mais valorizada. O processo que leva à obtenção desta tinta é claramente metafórico da gestação de filhos: as oferendas durante as fases de tinturaria são bastante semelhantes àsquelas que são praticadas durante a gravidez. Em cantos, uma falha na fabricação de tinta é comparada com um aborto. E «as mulheres mais respeitadas e poderosas são ao mesmo tempo parteiras e tintureiras»<sup>29</sup>.

### Os Iban: vermelho = perigo

Para um reputado povo de Bornéu, os Iban ou Sea Dayak, o vermelho é a cor destacada. Está associado à guerra e à caça-de-cabeças, actividades que ocupavam um lugar central na sua cultura e que podiam trazer muito prestígio aos homens. Já nos rituais de nascimento se faziam alusões às tarefas distintas de cada sexo. Depois do primeiro banho, à rapariga dava-se simbolicamente um tear, sendo a fabricação de panos a representação da essência feminina, e ao rapaz dava-se uma lança, sendo a guerra um empreendimento masculino<sup>30</sup>. Mas as mulheres também tinham a sua própria *warpath* (expedição guerreira), como era - e é - denominada: o processo de tinturaria dos panos vermelhos<sup>31</sup>. Já o facto de a matéria-prima para a tinta ter de ser procurada na floresta, indica uma semelhança com a guerra. Este ambiente den-

---

<sup>27</sup> Idem, *ibid.*, p. 246; GEIRNAERT-MARTIN, *The woven land of Laboya*, ob. cit., p. 94.

<sup>28</sup> Idem, *ibid.*

<sup>29</sup> SCHNEIDER e Weiner, "Introduction", ob. cit., p. 8, em relação à investigação de Janet Hoskins.

<sup>30</sup> MASHMAN, "Warriors and weavers", ob. cit., p. 242. Compara as fórmulas que acompanham o parto na zona de Baucau, registadas por António de Almeida e referidas *supra* na nota 4.

<sup>31</sup> GRAHAM, *Iban shamanism*, ob. cit., p. 103.

so, escuro e assustador, era o mesmo meio que os homens tinham que enfrentar quando partiam para a guerra, inspirando-lhes tanto medo como a própria confrontação bélica, devido às forças da natureza e, mais ainda, aos espíritos que permaneciam na floresta. A manipulação da cor vermelha, associada com sangue, combate, morte, também era considerada de alto risco<sup>32</sup>.

Entre os Iban, tanto em expressões como em rituais, o grande perigo que as mulheres correm na produção de têxtil é comparado com o os homens enfrentam nas expedições de guerra, enquanto o prestígio adquirido no caso de sucesso é representado e salientado de modo comparável.

Tal como os homens depois de uma expedição bem-sucedida recebiam uma tatuagem especial, as mulheres eram tatuadas (no polegar) depois da produção dum grande pano vermelho com um padrão *ikat* inovador. Na ocasião dessa tatuagem, fazia-se uma cerimónia, acompanhada de danças e cantigas<sup>33</sup>. E tal como para os caçadores de cabeças era organizada uma festa especial, também o era para as tecedeiras reconhecidas, embora em escala menor. Se os heróis masculinos podiam obter um título honorífico particular, era também atribuído um título especial, *indu nagar*, às «tecedeiras com experiência que tinham aceite o convite do espírito de efectuar o ritual para preparar o fio com a cor vermelha». Epopeias elogiavam mulheres pela singularidade do seu produto<sup>34</sup>.

## Feminino e masculino

Podemos estranhar estas semelhanças, uma vez que a tecelagem parece o oposto dum empreendimento bélico, em que os homens são destruidores de vida, sendo as mulheres, por sua vez, criadoras (de tecido - e também de vida). Os Iban, como outras sociedades referidas

---

<sup>32</sup> Ruth BARNES, "Women as headhunters. The making and meaning of textiles in a Southeast Asian context", in J. B. Eicher, org., *Dress and ethnicity*, Oxford /Washington, Berg, 1995, pp. 29-43, p. 40) menciona casos semelhantes noutras sociedades.

<sup>33</sup> MASHMAN, "Warriors and weavers", ob. cit., p. 246; GRAHAM, *Iban shamanism*, ob. cit., pp. 104-105.

<sup>34</sup> GRAHAM, *Iban shamanism*, ob. cit., pp. 103 e 105.



acima, tratam a fabricação de panos como uma metáfora da gestação de filhos<sup>35</sup>.

No entanto, a oposição não é tão absoluta. A tecelagem feminina e a guerra masculina juntam-se, entre os Iban, claramente na forma dum pano especial, o *pua*. As mulheres, à espera dos homens vindos duma expedição guerreira, seguravam este pano cerimonial nas mãos para receber as cabeças cortadas dos inimigos<sup>36</sup>. Entre os Iban e muitos outros povos guerreiros do Sueste Asiático, como os de Timor, as mulheres desempenhavam um papel activo na guerra, não tanto na própria expedição, mas no acompanhamento ritual e no apoio moral<sup>37</sup>.

Tal como o mundo da guerra não é um mundo exclusivo dos homens, também o mundo dos têxteis não está reservado exclusivamente às mulheres. As mulheres fiam, tecem, tingem - mas são os homens que fazem os instrumentos, nomeadamente o tear<sup>38</sup>. Também os homens usam os panos, como vestuário e em rituais, como acontece com os *lipa* em Timor. Servem para acrescentar o seu prestígio ou o do grupo e para estabelecer relações sociais por via de trocas<sup>39</sup>.

---

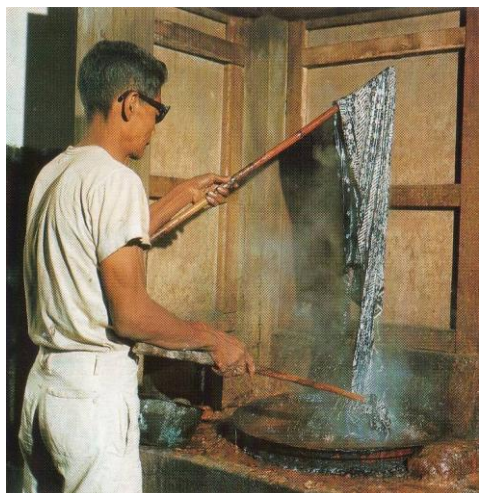
<sup>35</sup> Entre os Iban «[at dyeing there are] restrictions similar to those enforced during childbirth» (MASHMAN, "Warriors and weavers", ob. cit., p. 246). Segundo Geirnaert «The Laboya weaver [is] sometimes compared to a mother who feeds and rears children», ou, tomando em consideração a postura do corpo, eles consideram «weaving like becoming pregnant and giving birth» (GEIRNAERT-MARTIN, *The woven land of Laboya*, ob. cit., pp. 92 e 99).

<sup>36</sup> BARNES, "Women as headhunters", p. 39.

<sup>37</sup> Ver M. J. C. Schouten, "Heads for force. On the headhunting complex in Southeast Asia and Melanesia", *Anais Universitários da Universidade da Beira Interior*, 3, 1992, pp. 113-129, pp. 120-122; idem, *Leadership and social mobility in a Southeast Asian society*, ob. cit., p. 33.

<sup>38</sup> MASHMAN, "Warriors and weavers", ob. cit., p. 243; W. De JONG, "To give or to sell?", ob. cit., p. 7 (em relação à tinturaria); GEIRNAERT-MARTIN, *The woven land of Laboya*, ob. cit., p. 98 (em Laboya, o homem «twines border; ply fringes; helps dyeing»).

<sup>39</sup> Tal como as mulheres; ver W. De JONG, "To give or to sell?", ob. cit.,



No processo industrial de tinturaria, são os homens os protagonistas; fotografia do Centro de Pesquisa do *Batik* (1971), na colecção Royal Tropical Institute, Amsterdão; in Rens HERINGA, “Kleding en sieraden”, cit.)

As mudanças do século XX afectaram o fabrico de panos e o papel da mulher a ele associado. Os processos artesanais mencionados ainda são efectuados, mas em menor escala e de forma diferente. Panos produzidos nas fábricas são cada vez mais comuns, principalmente para o uso do dia-a-dia. Tecidos feitos artesanalmente são utilizados para (trocas) rituais, ou têm como destino o mercado de turistas. Nos sítios onde a tecelagem ainda se efectua de forma artesanal, usam-se fios produzidos mecanicamente e tintas sintéticas. Os padrões são mais simples e, tal como De Jong<sup>40</sup> refere para os Lio das Flores, os tabus em relação à produção também têm a tendência a mitigar-se. O efeito é uma produção mais rápida e mais abundante.

Hoje em dia, também se encontram homens empregados na fabricação de têxtil. Na sua produção industrial, encontram-se, por regra, nos cargos de maior peso<sup>41</sup>. E também a fabricação artesanal, antes virtualmente tabu para um homem «verdadeiro», passou a ser levada a cabo por homens nos mercados turísticos mais lucrativos. É o que acontece na Ilha de Bali<sup>42</sup>.

---

<sup>40</sup> Idem, *ibid.*, p. 7.

<sup>41</sup> Ver Diane WOLF, *Factory Daughters*, Berkeley, University of California Press, 1990.

<sup>42</sup> Ayami NAKATANI, “Transgressing boundaries: the changing division of labour in the Balinese weaving industry”, *Indonesia Circle*, 67, 1995, pp. 249-272, p. 250.

Assim, industrialização e globalização trouxeram o declínio duma actividade feminina, um trabalho duro que exigia criatividade e esforço físico, mas que fora também um meio de as mulheres obterem prestígio.

## Bibliografia

ALMEIDA, António de, “Das mutilações étnicas dos indígenas de Timor”, *O Oriente de Expressão Portuguesa*, pp. 319-378, Lisboa, Fundação Oriente, Centro de Estudos Orientais, 1994 [1946].

\_\_\_\_\_, “Aspectos da Etnozoologia Timorense”, *O Oriente de Expressão Portuguesa*, pp. 483-510, Lisboa, Fundação Oriente, Centro de Estudos Orientais, 1994 [1971].

*Asie du Sud-Est; Singapour, Malaisie, Brunei Darussalam*, dir. de Angus Cameron, Vivien Crump, Harry Tan; trad. de Isabelle Frémont e Jean-Louis Malroux, Paris, Gallimard, 1994.

BARNES, Ruth, “Women as headhunters. The making and meaning of textiles in a Southeast Asian context”, in: J. B. Eicher (org.), *Dress and ethnicity*, Oxford /Washington, Berg, 1995, pp. 29-43.

BLUST, Robert, “Austronesian culture history: some linguistic inferences and their relations to the archaeological record”, in Pieter van de Velde (org.), *Prehistoric Indonesia: A reader*, Dordrecht, Foris Publications, 1984, pp. 218-241.

DE JONG, Willemijn, “To give or to sell? Female distribution strategies in cloth producing households in Flores”, comunicação apresentada na 3rd WIVS Conference on Indonesian Women’s Studies, Leiden, 25-29 Set. 1995 (22 p. dactil.)

DE JONGE, Nico e Toos van Dijk, *Vergeten Eilanden; Kunst en Cultuur van de Zuidoost-Molukken*, Amsterdão, Periplus Editions, 1995.

GEIRNAERT-MARTIN, Danielle, *The woven land of Laboya: socio-cosmic ideas and values in West Sumba, Eastern Indonesia*, Centre of Non-Western Studies, Leiden University, 1992.

GOODY, Jack, *The East in the West*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996.

- GRAHAM, Penelope, *Iban shamanism: An analysis of the ethnographic literature*, Camberra: Australian National University, 1987.
- GUY, John, "Têxteis, sociedade e comércio no oceano Índico", *Oceanos*, 34, 1998, pp. 39-50.
- HAMILTON, Roy W., "Behind the cloth. The history and culture of Flores", in Roy W. Hamilton (org.), *Gift of the Cotton Maiden. Textiles of Flores and the Solor Islands*, Los Angeles, UCLA Fowler Museum of Cultural History, 1994, pp. 21-38.
- HEERSINK, Christiaan, *The green gold of Selayar. A socio-economic history of an Indonesian coconut island c. 1600-1950: Perspectives from a periphery*, Ph.D. thesis, Vrije Universiteit te Amsterdam, Amsterdão, 1995.
- HERINGA, Rens, "Kleding en sieraden", *Weerzien met Indie*, 8, 1994, pp. 179-198.
- KEESING, Roger, *Cultural Anthropology*, Nova Iorque, Harcourt Brace Jovanovitch, 1988.
- KING, Victor T., *The peoples of Borneo*, Oxford, Blackwell, 1993.
- LOMBARD-JOURDAN, Anne, "François Péron et Charles Lesueur à Timor. Une chasse au crocodile en 1803", *Archipel*, 54, 1997, pp. 81-121.
- MASHMAN, Valerie, "Warriors and weavers: A study of gender relations among the Iban of Serawak", in Vinson H. Sutlive, Jr. (ed.), *Female and male in Borneo: Contributions and challenges to gender studies*, The Borneo Research Council Monograph series, Volume 1, Williamsburg, s.d. [1991], pp. 231-70.
- MURDOCK, G. P. e Caterina Provost, «Factors in the division of labor by sex: A cross-cultural analysis», *Ethnology*, 12, 2, Vol. 12, Abr. 1973, pp. 203-225
- NAKATANI, Ayami, "Transgressing boundaries: the changing division of labour in the Balinese weaving industry", *Indonesia Circle*, 67, 1995, pp. 249-272.
- NIESSEN, S. A., "Textiles are female ... but what is femaleness? Toba Batak textiles in the Indonesian Field of Ethnological Study", in P. E. de Josselin de Jong (org), *Unity in Diversity; Indonesia as a Field of Anthropological Study*, Dordrecht, Foris, 1984, pp. 63-83.



- REID, Anthony, *Southeast Asia in the age of commerce, 1450-1680*. Vol. 1: *The land below the winds*, New Haven e Londres, Yale University Press, 1988.
- SCHNEIDER, Jane e Annette B. Weiner, "Introduction", in A. Weiner e J. Schneider (orgs.), *Cloth and human experience*, Washington / Londres, Smithsonian Institution Press, 1989.
- SCHOUTEN, M. J. C., "Heads for force. On the headhunting complex in Southeast Asia and Melanesia", *Anais Universitários da Universidade da Beira Interior*, 3, 1992, pp. 113-129.
- \_\_\_\_\_, *Leadership and social mobility in a Southeast Asian society. Minahasa, 1677-1983*, Leiden, KITLV Press, 1998.
- SCHULTE NORDHOLT, H. G., *The political system of the Atoni of Timor*, Haia, Nijhoff, 1971.
- WEINER, Annette B., "Forgotten wealth: Cloth and Women's production in the Pacific", in Eleanor Leacock, Helen I. Safa e outros (orgs.), *Women's work: development and the division of labor by gender*, South Hadley, Mass., Bergin & Garvey, 1986.
- WOLF, Diane, *Factory Daughters*, Berkeley, University of California Press, 1990.
- YULE, Henry e A. C. Burnell, *Hobson-Jobson. A glossary of colloquial Anglo-Indian words and phrases, and of kindred terms, etymological, historical, geographical and discursive*, Nova Delhi, Munshiram Manoharial, 1994 [1903, John Murray].